

Levantamentos Hidrográficos do Capitão-de-Fragata Manoel Nogueira da Gama – um Herói da Diretoria de Hidrografia e Navegação – DHN

Eliane Alves da Silva¹
Engenheira Cartógrafa
sputinick@terra.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de apresentar, por meio de um breve resgate histórico, as Missões de Cartografia Náutica no Litoral Sul Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro do Capitão Manoel José Nogueira da Gama, pertencente à Diretoria de Hidrografia e Navegação – DHN.

PALAVRAS-CHAVE: Nogueira da Gama, Diretoria de Hidrografia e Navegação, Cartografia Náutica, Litoral Sul Fluminense

ABSTRACT

The mainly purpose of this paper is to present a fast historical thinking about the Captain Manoel Nogueira da Gama from Hydrographic and Navigation Directory - DHN at The South Fluminense Coast Mapping Missions, in the State of Rio de Janeiro

I - INTRODUÇÃO

A Cartografia Náutica teve vários expoentes e aqui no presente texto a Autora resolveu destacar a atuação do Capitão-de-Fragata Manoel José Nogueira da Gama, mais tarde promovido a Capitão-de-Mar-e-Guerra, pelo seu espírito empreendedor e pioneirismo, como forma de homenagear a Diretoria de Hidrografia e Navegação – DHN, da Marinha do Brasil, responsável pela Cartografia Náutica Brasileira. O Capitão Manoel José Nogueira da Gama, determinou as coordenadas geográficas de Angra dos Reis (Convento do Carmo), no Litoral Sul do Estado do Rio de Janeiro no ano de 1912. O sinal horário ainda foi recebido pelo telégrafo.

¹ Professora de Geografia e Geógrafa, Mestre em Ciências Geográficas IBGE/DGC/GDI Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas – ABEA; Membro do Clube de Engenharia – CE Membro da Sociedade Brasileira de Cartografia – SBC Membro da Sociedade Brasileira de Geografia – SBG Conselheira do CREA-RJ(2002-2007).

De setembro a janeiro de 1924, foram determinadas as coordenadas geográficas dos faróis da Costa Sul, pelo Capitão-Tenente Alves Câmara, comandando o navio Faroleiro Tenente Luchmeyer, desde Castelhanos até a Sarita.

Em 1927, o Capitão - de - Fragata Nogueira da Gama, efetuou o levantamento do Porto de Vitória, no Estado do Espírito Santo, a bordo do Cruzador Barroso. Nesta operação cartográfica foi empregada pela primeira vez a rocega hidrográfica, em pequena escala, bem como astrolábio de prisma de 60 graus.

O Capitão - de - Fragata Nogueira da Gama passou a comandar o *Encouraçado* Floriano, na função de navio Hidrográfico em 1931. A 17 de março daquele mesmo ano, foram designados pelo Ministro da Marinha Conrado Heck, três Primeiros Tenentes para embarcarem no Floriano, onde “*deveriam servir especialmente na comissão de levantamento hidrográfico da baía da Ilha Grande*”. Em seguida mais dois oficiais foram embarcados no Floriano. Mais tarde, a esse grupo juntou-se mais um oficial. Então, Nogueira da Gama passou a contar com seis Tenentes que com o tempo tornaram-se especialistas em levantamentos batimétricos, ou seja de levantamentos abaixo da linha de água de superfície líquida.

Em maio de 1931, o núcleo de Oficiais do Floriano, iniciou o levantamento pela Enseada de Mangaratiba. Em 26 de junho do corrente ano, aconteceu um fato bastante auspicioso, foi criada a especialidade de Hidrografia para os Oficiais do Corpo da Armada, no mesmo nível das outras especialidades já existentes, e o respectivo Curso para Formação de Especialistas, com o nome de *Curso de Navegação e Hidrografia*.

No mês de novembro de 1931, o *Navio Oceanográfico Floriano*, foi retirado da Diretoria, passando a comissão a contar somente com o Tenente *Lahmeyer* e as lanchas *Sextante e Astrolábio*, sem prejuízo para as sondagens que envolviam as inúmeras operações cartográficas desenvolvidas na época. No final deste ano, foi publicado um *Plano da Enseada de Mangaratiba*, impresso na Imprensa Naval, em preto e branco, no qual já se podia apreciar : a precisão e a beleza do levantamento executado por Nogueira da Gama. Seus trabalhos tinham tanta qualidade que foram adotados até o início dos anos 50.

Na data de 1º de janeiro de 1932, foi aceso nos Penedos de S.Pedro e S. Paulo, o primeiro farol aeromarítimo no Brasil, sem guarnição. A construção fora iniciada em setembro de 1930, sendo um trabalho executado pelo *Tênder Belmonte*, cedido pela Esquadra à diretoria para este serviço. Este farol iluminou por muito tempo, até ser destruído por um abalo sísmico. Inspeccionado o Farol e recolhido os destroços, em 11 de junho de 1933, pelo *Navio Faroleiro Calheiros da Graça* . Foi extinto definitivamente em 20 de julho de 1933. Ainda em 1932, Nogueira da Gama concluiu o levantamento da parte central da Baía da Ilha Grande também no litoral sul fluminense. Nesta época pequenos navios de cabotagem como o *José Bonifácio*, construídos em 1908, foram passados para a Marinha, para a função de navios hidrográficos.

No início de 1933, publicou-se a primeira série de cartas náuticas modernas da Diretoria, tendo-se como exemplo a *Carta No. 1.604 do Porto de Angra dos Reis*. A 26 de março daquele ano, foi empregada pela primeira vez a câmara Zeiss de fotografia aérea em levantamento da Diretoria, acoplada em avião naval. As operações aerofotogramétricas foram realizadas na porção Oeste da Ilha Grande foram executados vôos aerofotogramétricos no trecho litorâneo compreendido pela Baía de Guanabara e Cabo Frio, assinalando o início do emprego das fotografias aéreas verticais em levantamentos hidrográficos no Brasil.

A 20 de abril de 1933, foi inaugurado o curso de navegação e Hidrografia, com uma Turma de cinco Oficiais, sob a direção do agora Capitão-de-Mar-e-Guerra Nogueira da Gama, então Vice-Diretor de Hidrografia e navegação. A 27 de outubro do corrente ano, foi inaugurado também o primeiro radiofarol marítimo do Brasil, em São Tomé.

A 25 de janeiro de 1934 foi entregue à diretoria o velho *Navio Rio Branco*, e classificado como navio hidrográfico. Aos as reformas foi dotado de agulha giroscópica, ecômetro, a exemplo dos navios da Marinha Brasileira, inclusive o submarino Humaitá, Navio – Escola Almirante Saldanha, para as sondagens até então eram feitas a prumo de mão ou mecânico, duas lanchas hidrográficas de casco de madeira, modelos até hoje adotados neste tipo de serviço. Ainda, em janeiro deste mesmo ano, foram determinadas as coordenadas geográficas de Abrolhos, com o astrolábio de 45^o, sendo o pioneiro deste levantamento no Brasil, o Capitão - Tenente Fernando Frota. Logo em seguida, para registro e divulgação dos trabalhos da Diretoria foi publicado o *Tomo I dos Anais Hidrográficos, referente a 1933*.

Em maio de 1934, o *Rio Branco*, parte do Rio de Janeiro, para efetuar seu primeiro serviço de levantamento, na Enseada dos Ganchos. No mês de junho, foram enviados dois Oficiais ao exterior para o aperfeiçoamento: um na Grã-Bretanha (atual Reino Unido) para estagiar no *Hydrographic Ditectory*, visando o almirantado e outro aos Estados Unidos, para o *Hydrographic Office*. Em menos de um ano, estes Oficiais trouxeram valiosas informações que permitiram rapidamente a reorganização em moldes modernos da Divisão de Hidrografia e Navegação.

Sentindo a necessidade de aprimorar seus levantamentos batimétricos a Diretoria instalou um ecômetro moderno, Atlas para grandes e pequenas profundidades no *Navio Hidrográfico Rio Branco*. A 19 de outubro deste mesmo ano, foram executadas com ecômetro do navio, no Canal de São Sebastião, as primeiras sondagens sonoras efetuadas em levantamento no país. Continuaram, ainda por mais quatro anos, a serem feitas a prumo de mão sondagens nas lanchas. Houve também, o início dos trabalhos para a instalação de uma oficina de impressão de cartas segundo os moldes do *Hydrographic Office* dos EUA, com planejamento e construção de um edifício próprio, na Ilha Fiscal, na Praça XV, a leste do edifício principal (antiga sede da DHN).

No ano de 1936 foram publicados modernamente, o Roteiro, a Lista de Faróis e a Lista de Sinais – Rádio, que até hoje podem ser observados e regularizados o preparo e a divulgação dos Aviso aos Navegantes. Por este tempo foi também iniciada a transmissão diária em *broadcasting* dos Aviso aos navegantes, no tradicional *Programa Radiofônico A Voz do Brasil*, diariamente às 19 horas e 30 minutos.

Na data de 17 de fevereiro de 1937 foi incorporado à Marinha do Brasil o *Navio Hidrográfico Jaceguay*, *Ex-navio Varredor da Marinha Britânica*, tendo sido adquirido em terceira mão. Em 1938, pela primeira vez foi utilizado no Brasil, o ecômetro em lancha do *Navio Hidrográfico Jaceguay*, com emissor no casco, no levantamento de Porto Belo. Este foi o primeiro levantamento no qual todas as sondagens foram feitas a ecômetro, quer por navio quer por lanchas, utilizando-se o prumo de mão apenas, para informação da natureza do fundo.

Em 31 de maio de 1939 entrou em serviço a oficina própria de impressão na Ilha Fiscal, imprimindo-se a Carta No. 1.703 – Porto de Cananéia, que foi a primeira carta náutica totalmente elaborada pela Diretoria. Seu equipamento fora adquirido nos EUA, havendo transferência de tecnologia com do Hydrographic Office, que além do equipamento, cedeu técnicos, de fotografia e impressão e de gravação por até dois anos.

De 12 a 19 de setembro de 1941, em Comissão chefiada pelo Capitão – Tenente Newton Tornaghi, foram determinadas as coordenadas astronômicas da Ponta do Seixas, no Cabo Branco, no Estado da Paraíba, Ponto Extremo Oriental do Território Continental Brasileiro e do Continente Sul-americano. Foram obtidos os valores de: latitude 07^o 09' 19",31 S (Sul) e de longitude 034^o 47' 38",48 WGr (Oeste de Greenwich). A Autora visitou, com sua família, em 1987, este Marco inaugurado pelo então Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici, esteve lá pela segunda vez com sua Turma Monteiro Lobato da Escola Superior de Guerra em viagem para Avaliação da Conjuntura Política do Brasil, em 1994.

Desfez-se assim a dúvida que persistia até aquela data, sobre qual o extremo leste do nosso continente, tendo sido verificado ser aquele ponto, no Cabo Branco, no litoral paraibano, ao invés da Ponta das Pedras, no Litoral Pernambucano.

No período de 1942 a 1946, em função da Segunda Guerra Mundial, a atividade de Hidrografia da Diretoria foi interrompida e os Navios Hidrográficos foram armados e classificados como corvetas para servirem de escolta de comboios. A *Corveta Rio Branco* foi incorporada à Força Naval do Nordeste e a *Jaceguay* à Força Naval do Sul. Durante as pequenas permanências nos portos do Recife e de Salvador, entre dois comboios, a *Rio Branco* realizou serviços destinados à publicação de novas edições das *Cartas* destes portos. Em 29 de dezembro de 1945, passaram à subordinação da DHN os *Caça – Submarinos: Javari, Jutai, Juruá e Juruena*.

Em 23 de junho de 1946 foi novamente mudado o nome da Repartição para Diretoria de Hidrografia e Navegação – DHN. No dia 25 de outubro de 1946, a DHN adquiriu um avião bimotor, que foi preparado para carregar a câmara Zeiss, passando a Diretoria, assim, a fazer operações aerofotogramétricas com seus próprios meios. Aos Leitores que desejarem observar as Magníficas Cartas Náuticas do Comandante Manoel Nogueira da Gama, várias delas ornamentam as paredes das instalações da DHN – 20 Secção de Ensino, em sua sede em Niterói.

A 09 de janeiro de 1947 com o Decreto de No. 22.417, foi baixado novo Regulamento para a Diretoria de Hidrografia e Navegação, a antiga Divisão de Hidrografia (DH-2) foi desdobrada em dois Departamentos, o de Hidrografia e o de Navegação, tendo sido criado também o Departamento de Sinalização Náutica que foi instalado na Base Almirante Moraes Rêgo, na Ilha de Mocanguê Grande. Ainda em 1947, foi reiniciado o Curso de Especialização de Navegação e Hidrografia, de forma mais ou menos regular.

O Vice Alte Múcio Piragibe Ribeiro de Bakker imortalizado em seu Livro – Cartografia – Noções Básicas, publicado pela DHN ao tempo em que era Capitão de Corveta, em 1965, pertenceu a DHN, CCIRM, Segundo Secretário Executivo da Comissão de Cartografia – COCAR, onde foi Chefe da Autora, do qual era Assessora, em cedida parcialmente do IBGE, no Escritório-RJ, que funcionava no Prédio da Geofísica, no Observatório Nacional/CNPq, tendo como Encarregado o Eng. Cartógrafo do CNPq James Henrique Macêdo. O Almirante Múcio também foi o Segundo Presidente da Associação de Cartografia dos Países de Língua Oficial Portuguesa – ACAPLOP.

O maior expoente da DHN foi o Almirante de Esquadra Maximiano da Fonseca, Ministro da Marinha, Oficial Hidrógrafo, Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Cartografia – SBC, Presidente de Honra do XX Congresso Brasileiro de Cartografia em Brasília-DF, 1985, que vem a ser Pai do Alte Luiz Fernando Palmer da Fonseca, Ex-DHN, Comte da Força de Submarinos e Primo de nossa Colega Ibegeana Geógrafa Dra. Maria Helena Palmer, com quem a Autora trabalhou no DEGEO. Se fosse vivo estaria super feliz com a Amazônia Azul e as riquezas descobertas pela PETROBRÁS nas camadas do Pré-Sal.